

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 33 No. 3 Setembro – Dezembro 2020
Edição Especial: Gestão de Acervos Arqueológicos

ARTIGO

A COLEÇÃO VON KOSERITZ:

ANÁLISE E CURADORIA CIENTÍFICA DE ARTEFATOS LÍTICOS POLIDOS

Gustavo Neves de Souza*, Marisa Coutinho Afonso**

RESUMO

Apresentamos as ações de curadoria realizadas com os artefatos líticos polidos da Coleção Von Koseritz com dois objetivos. O primeiro foi analisar detalhadamente as peças arqueológicas, proporcionando um aporte de informações importantes, convertendo-as de simples peças do acervo em fragmentos que auxiliem na compreensão das ocupações pré-coloniais do sul do Brasil. O segundo objetivo foi produzir dados que auxiliem em uma melhor compreensão da história pré-colonial brasileira, principalmente relacionada aos artefatos líticos polidos, por meio da comparação desses dados com outros materiais arqueológicos encontrados nas regiões norte, sul e sudeste do Brasil. Apresentamos, portanto, as análises de lâminas de pedra polida, mãos de pilão, mãos de mó, percutores, bigornas, virote, bolas de boleadeira, calibradores, “afiadores”, bacias de polimento móveis e zoólitos.

Palavras-chave: coleção arqueológica; curadoria; artefatos líticos polidos.

* Professor da Universidade Federal do Vale do Rio São Francisco. Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia.
E-mail: gustavo.neves@univasf.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1233-983X>.

** Professora Associada do Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo. Coordenadora do Laboratório de Arqueologia da Paisagem e Geoarqueologia (Lapgeo), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: marisa.afonso@usp.br.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4397-8856>.

THE VON KOSERITZ COLLECTION: ANALYSIS AND CURATORSHIP OF POLISHED LITHIC ARTEFACTS

ABSTRACT

We present the curation activities carried out with the Von Koseritz Collection's polished lithic artefacts with two objectives. The first one was to analyse in detail the archaeological artefacts, providing important pieces of information, converting simple collection artefacts into fragments that help the understanding of pre-colonial occupations of southern Brazil. The second one was to produce data to better understand Brazilian pre-colonial history, mainly related to polished lithic artefacts, comparing the data with other archaeological materials found in the northern, southern, and southeastern Brazil. We present, therefore, analysis of lithic polished blades, pestles, grinding stones, hammerstones, anvils, *virotas*, *boleadeiras*, shaft straightener, "abrasive stones", basin-shaped portable grindstones and zoolith.

Keywords: archaeological collection; curatorship; polished lithic artefacts.

LA COLECCIÓN VON KOSERITZ: ANÁLISIS Y CURACIÓN DE ARTEFACTOS LÍTICOS PULIDOS

RESUMEN

Presentamos las acciones curatoriales realizadas con los artefactos líticos pulidos de la Colección Von Koseritz con dos objetivos. El primero fue analizar en detalle las piezas arqueológicas, proporcionando información importante, convirtiéndolas de simples piezas de la colección en fragmentos que ayudan a comprender las ocupaciones precoloniales del sur de Brasil. El segundo objetivo fue producir datos que ayuden a una mejor comprensión de la historia precolonial brasileña, principalmente relacionada con artefactos líticos pulidos, comparando los datos con otros materiales arqueológicos encontrados en las regiones norte, sur y sudeste de Brasil. De esta manera, presentamos los análisis de láminas de piedra pulida, manos de mortero, manos de moler, percutores, yunques, virotas, bolas de boleadora, calibradores, "afiladores", pulidores móviles, zoolitos.

Palabras clave: colección arqueológica; curaduría; artefactos líticos pulidos.

INTRODUÇÃO

Dentre os desafios que se impõem a todos aqueles que trabalham com arqueologia, a gestão dos acervos é inescapável, uma vez que se constitui ação fundamental para qualquer das áreas dessa disciplina, quicá inerente ao próprio fazer arqueológico, posto que a cultura material, em suas mais diversas formas, está na essência desse fazer.

Diante desta importância nosso artigo pretende apresentar as ações de curadoria realizadas com a Coleção Von Koseritz, atualmente sob guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP).

As ações acima mencionadas foram desenvolvidas no bojo do projeto “Análise e curadoria científica de artefatos líticos polidos da coleção Von Koseritz”, que recebeu apoio financeiro da Universidade de São Paulo e teve dois objetivos principais (SOUZA, 2013a). O primeiro deles foi a análise detalhada das peças arqueológicas da coleção Von Koseritz, proporcionando um aporte de informações para as mesmas, convertendo-as de peças adormecidas nos acervos em fragmentos que auxiliem na compreensão das ocupações pré-históricas do sul do Brasil, fazendo crescer, dessa forma, seu potencial expositivo e de extroversão do conhecimento. Um segundo objetivo foi, através da comparação dos dados obtidos nesta análise com os de outros materiais arqueológicos encontrados nas regiões norte, sul e sudeste do Brasil, a possibilidade de compor, de forma um pouco mais ampla, o mosaico que se permite vislumbrar da pré-história brasileira, lançando luz sobre uma parte pouco explorada do passado dessas terras: aquela que está relacionada com os artefatos líticos polidos.

A comparação de dados entre a coleção Von Koseritz e demais artefatos das regiões sul e sudeste se dá sobretudo com base nos dados levantados durante a produção da tese de doutoramento de um dos autores (SOUZA, 2013b) a qual utilizou ainda outras coleções depositadas nas reservas técnicas do próprio MAE-USP, do Museu Paraense Emílio Goeldi, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia¹, do Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais e do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville.

Para compreender melhor os artefatos presentes na coleção, é importante, primeiramente, conhecer algumas de suas peculiaridades, bem como um pouco de sua história.

O MAE-USP, fundado em 1989, através da fusão de diversas outras instituições pré-existentes na USP, recebeu, entre outros, o acervo salvaguardado nos setores de Arqueologia e Etnologia do Museu Paulista. Uma parte desse acervo está reunido sob a denominação de Coleção Von Koseritz e é essencialmente composto por artefatos líticos – principalmente polidos – vasilhames cerâmicos e cachimbos, tanto arqueológicos quanto etnográficos, oriundos do Estado do Rio Grande do Sul.

Essa coleção² foi adquirida pelo Museu Paulista em 1902, dos herdeiros do próprio Von Koseritz, a qual consta no Livro de Despesas do Museu Paulista 1894-1906 (TORRENTEGUY, 1975). Ela é a primeira e mais antiga coleção do MAE-USP proveniente do Museu Paulista, cujas peças apresentam numeração de 1 a 387. No entanto, o conjunto apresentaria uma quantidade ligeiramente maior de peças, pois alguns números estavam repetidos, como foi verificado durante a curadoria técnica e a curadoria científica.

¹ Não houve similaridades significativas entre essa coleção e a coleção em análise, portanto não foi utilizada como parâmetro comparativo ao longo do texto.

² É digno de nota que essa seria, de fato, a segunda Coleção Von Koseritz, dado que se configura como um segundo grupo de peças reunidas pelo cidadão epônimo da coleção. A primeira delas, reunida para a apresentação na Exposição Brasileiro-Alemã, em Porto Alegre, no ano de 1882, foi destruída em um incêndio (IHERING, 1895).

Esta coleção passou por algumas análises, realizadas por Herman Von Ihering (IHERING, 1895, 1904) e por Teófilo Otoni Vasconcelos Torronteguy em sua dissertação (Mestrado em Antropologia) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, com orientação da Profa. Dra. Luciana Pallestrini, arqueóloga do Museu Paulista/USP (TORRENTEGUY, 1975).

Após a transferência do Museu Paulista/USP para o Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, em 1989, encontrava-se acondicionada em diversos armários e caixas nas reservas técnicas do MAE-USP. Todo o material com numeração 009, ou seja, pertencente à coleção, foi reunido no laboratório, higienizado e separado pela numeração.

Inicialmente agrupamos todo o material pertencente à coleção, o qual passou por um processo de higienização e organização. Posteriormente ele foi catalogado com base no Registro Geral de Arqueologia do Museu Paulista – um inventário no qual se encontram catalogadas mais de 400 mil peças, sendo as 387 primeiras pertencentes à Coleção Von Koseritz. Depois disso procedeu-se, então, à elaboração de planilhas, que foram incorporadas ao banco de dados geral do MAE-USP, com a descrição das peças, identificação da matéria prima, dimensões, fotografias e o acondicionamento individual de cada uma das peças, seguido de seu retorno à Reserva Técnica com dados sobre sua localização.

Também procuramos rever a documentação primária associada à Coleção, especialmente as fichas catalográficas, o Registro Geral de Bens Móveis da USP e mais dois inventários encontrados no Serviço Técnico de Gerenciamento da Documentação do MAE. A verificação da documentação trouxe à tona diversas incongruências, como a ausência de descrições das pontas de projétil em alguns inventários e a ausência dos crânios descritos como pertencentes à coleção. Além disso, muitas vezes as numerações não são as mesmas em inventários diferentes, o que dificulta o entendimento dos processos de organização da coleção, ocorrendo até mesmo variação no número absoluto de peças.

A curadoria técnica com a identificação das peças da coleção, inventário e acondicionamento na Reserva Técnica do MAE-USP foi realizada em conjunto com técnicos e estagiários. A curadoria científica foi realizada em 2013, no MAE-USP por meio do projeto “Análise e curadoria científica de artefatos líticos polidos da coleção Von Koseritz” (SOUZA, 2013a; SOUZA *et al.*, 2014), que preencheu uma lacuna de quase 40 anos de estudo dessa coleção. De antemão é interessante notar que o número de artefatos em cada categoria (além da numeração total) varia entre as análises realizadas.

Antes de adentrar propriamente na análise, cabe notar quem foi o homem por trás da criação da coleção Von Koseritz, o que certamente tem reflexo em sua conformação. Rodrigo Araújo (2012) fornece dados interessantes sobre a vida desse homem, alguns dos quais apresentamos a seguir. Seu nome completo era Karl Julius Christian Adalbert Heinrich Ferdinand Von Koseritz e nasceu em Dessau, na atual Alemanha, em 3 de fevereiro de 1830. Filho do Barão de Koseritz, fazia parte de um grupo de intelectuais de tendências liberais que, como vários de seus colegas, emigrou da Europa após a malfadada revolução liberal de 1848. Ainda com 21 anos, em 1851, abandonou a Europa arregimentado pelo Império brasileiro para combater as tropas do General Juan Manuel de Rosas na Argentina. Koseritz integrava uma das 12 companhias de mercenários alemães contratados, sendo ele do segundo regimento de artilharia, denominados Brummer (que significa zunidor, rosnador ou murmurador, mas designava também grandes moedas de cobre com as quais os soldados recebiam seu soldo). Contudo, antes mesmo do primeiro combate, ele desertou e estabeleceu moradia na província do Rio Grande do Sul. Residindo em diversas cidades daquela região, Koseritz se consagrou

como um ativo partícipe dos negócios envolvendo a comunidade teuto-brasileira no sul do país.

Assim como seu conterrâneo - o cronista do século XVI Hans Staden, que era também artilheiro - se interessou em descrever os modos de vida no Brasil. Koseritz, possivelmente inspirado pelos gabinetes de curiosidades dos nobres europeus (com os quais certamente teria tido algum contato), resolveu juntar peças do Rio Grande do Sul, objetivando mostrar os curiosos objetos feitos por suas gentes. Orgulhava-se de ser um dos principais interlocutores dessa região, a qual tinha como sua terra no Brasil. Defendia tão ferrenhamente essa posição que em 1881 teria se desentendido com outros redatores e, por fim, deixado a direção do jornal *Deutsche Zeitung* devido a posicionamentos divergentes em relação à Exposição brasileiro-alemã na qual ele pretendia apresentar sua coleção de artefatos. Após o incêndio da primeira coleção em 1882, ele juntou a segunda, demonstrando sua dedicação ao tema da arqueologia rio-grandense. Koseritz faleceu no dia 30 de maio de 1890 e, pelas mãos de seus herdeiros, essa segunda coleção chegou ao acervo do Museu Paulista, em São Paulo.

Notamos que o empenho de Von Koseritz em constituir uma coleção e o objetivo de divulgar os artefatos representativos do Rio Grande do Sul tiveram êxito e que, apesar do malfadado fim da primeira coleção, tiveram frutos duradouros. No entanto, se considerarmos o fato de Koseritz não ter se debruçado de forma mais detida ao estudo da arqueologia (visto que não era um cientista de carreira) e, provavelmente, a rapidez com que juntou a segunda coleção, é possível perceber que esses fatos causaram reflexos na configuração dessa. É muito provável, por exemplo, que ele tenha adquirido as peças de pessoas do campo que, ainda que de boa-fé, terminaram por entregar (provavelmente vendendo) várias peças (pouco mais de 80 delas) que, embora, por vezes, curiosas, não passam de fragmentos de rocha naturais (como seixos, colunas e plaquetas).

ELEMENTOS DESCRITIVOS DA COLEÇÃO. MATERIAIS E MÉTODOS

As medidas geométricas foram realizadas utilizando-se um paquímetro, de precisão milimétrica. As circunferências foram medidas com uma fita fina e estreita de tecido não elástico, que era então disposta esticada sobre uma régua graduada milimetricamente. Os ângulos foram medidos utilizando-se um gabarito graduado de 10 em 10 graus, em que apenas os 3 primeiros milímetros do bisel eram avaliados. Os pesos foram medidos em balanças de precisão com margem de erro de 1g para as peças com até 1,6kg; e com margem de erro de 10g para peças acima desse peso, quando outra balança maior (e um pouco menos precisa) era necessária. Peças excepcionalmente grandes ou largas (que impossibilitavam o uso do paquímetro) tinham suas medidas coletadas colocando-se a peça sobre um papel milimetrado e, em um mesmo eixo, eram dispostos em extremidades opostas dois esquadros em que os catetos adjacentes ao ângulo de 90° tocavam respectivamente a folha e o ponto da peça a ser medido. Assim, com a distância entre os pontos marcados pelos ângulos de 90°, obtém-se a medida desejada.

As peças foram divididas em categorias que expressam funções diferenciadas. Cada uma dessas categorias funcionais tem medidas tomadas em locais específicos, que refletem as especificidades morfológicas de cada uma e permitem perceber diferenças dentro das categorias. Os termos utilizados e as definições como um todo são balizados pelo guia de Annette Laming-Emperaire sobre as indústrias líticas da América do Sul (LAMING-EMPERAIRE, 1967) e pelas análises realizadas por Souza (2008, 2013b).

Foram identificadas 11 categorias: lâminas de pedra polida (frequentemente denominadas “lâminas de machado”), lâminas discoidais perfuradas com gume circular, mãos de mó, percutores, bigornas, virotes, bolas de boleadeira, calibradores, “afiadores”, bacias de polimento móveis e zoólitos.

Quanto às matérias-primas, não foram realizadas análises petrográficas para uma identificação precisa, mas as peças são majoritariamente fabricadas sobre rochas tenazes, tais como diabásio e gabro. Apenas em algumas categorias, como as boleadeiras e os calibradores, outras matérias aparecem pontualmente, como arenito ou mesmo hematita.

AS CATEGORIAS IDENTIFICADAS

Lâminas polidas

Sob a categoria de “lâminas de machado”, está sempre agrupada uma série de artefatos cuja real utilização, na maior parte das vezes, permanece desconhecida. Contudo, todas elas apresentam características em comum. As definições a respeito dos encabamentos a que nos referiremos podem ser encontradas na bibliografia (PROUS *et al.*, 2002; SOUZA, 2008). Antes de mais nada, para evitar a atribuição de função a artefatos sobre os quais não podemos fazer esta afirmação, preferimos a utilização do termo lâminas polidas a lâminas de machado, preservando a indefinição a respeito de seus usos. Outra denominação possível é a de lâminas com gume transversal, que abarca um universo maior de lâminas. Como nosso interesse aqui é nas lâminas polidas apenas, manteremos essa denominação. As características específicas destas peças, que levaram à tomada das medidas em locais que lhes são peculiares, seguem o modelo apresentado em Souza (2013b).

Lâminas discoidais perfuradas com gume circular

As lâminas discoidais perfuradas com gume circular formam um grupo muito peculiar de lâminas que, por não apresentarem o gume transversal ao eixo de utilização como as demais, merece figurar em uma categoria à parte, inclusive porque sua função e modo de utilização eram certamente muito distintos daqueles referentes às demais lâminas polidas. É possível que tenham sido encabadas a partir do furo central e utilizadas como uma maça.

São discos com gume periférico e um furo no centro, que o atravessa de uma face à outra. O perfil desse furo pode ser de laterais convexas, retas ou com um ângulo obtuso na parte central.

Há, no entanto, uma descrição dada pelo capitão José Leite da Costa Sobrinho (IHERING, 1904) que, durante a Guerra do Paraguai, ao passar pela fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, teria visto índios Charrua usarem estes artefatos. Eles as teriam utilizado penduradas em correias compridas de três ou quatro metros de comprimento, com a qual lhes imprimiam aceleração e seriam jogadas como fundas.

Nessas peças são medidos comprimento e largura (medidos em dois eixos perpendiculares), espessura e peso. Além disso são medidos o comprimento do gume (equivalente à circunferência da peça), ângulo do gume, diâmetro do orifício em cada uma das faces, diâmetro do orifício no centro e é descrito o perfil do orifício.

Mãos de pilão

As mãos de pilão são artefatos líticos destinados a processar substâncias sólidas, triturando-as ou macerando-as. São comumente utilizadas no processamento de vegetais.

Morfologicamente podemos observar algumas características comuns. São mais ou menos alongadas, possuindo duas extremidades opostas sendo, pelo menos uma delas, a parte ativa do artefato. A superfície geral é utilizada para apreensão, no caso, pela mão, já que não há menção relativa ao uso desse tipo de instrumento encabado.

As características específicas dessas peças, as quais levaram à tomada das medidas em locais que lhes são peculiares, seguem o modelo apresentado em Souza (2008).

Mãos de mó

Mãos de mó são artefatos robustos com uma superfície relativamente ampla e ao menos ligeiramente convexa (já que trabalha sobre área côncava, a mó), destinada a macerar, pressionar e arrastar matérias para reduzi-las a grãos menores, podendo mesmo reduzir a pó, em alguns casos. É semelhante à mão de pilão quanto à finalidade, mas a forma de uso é diferente, não agindo por percussão. São picoteadas e, frequentemente, apresentam a parte convexa polida pelo uso. As medidas de comprimento, largura e espessura do suporte são anotadas.

Percutores

Percutores são artefatos que, como o próprio nome sugere, foram utilizados para percutir algo. Algumas vezes são artefatos, até certo ponto, especializados, cuidadosamente selecionados e utilizados para o lascamento da pedra, sobretudo o lascamento unipolar. Neste caso, geralmente têm formas arredondadas (por vezes um pouco alongadas), com as marcas concentradas na proximidade de uma das extremidades. Outras vezes são artefatos um pouco mais robustos, com uma das faces mais plana ou levemente convexa, sendo utilizados no lascamento sobre bigorna (bipolar). Finalmente, há outros que podem ter sido utilizados para atividades menos especializadas, como percutir uma cunha para rachar lenha, por exemplo, podendo ainda ter sido utilizados como uma espécie de picoteador. Nesses últimos, pode ser mais difícil o diagnóstico, sobretudo se o artefato fora expedito e tenha sido utilizado por pouco tempo.

Bigornas

Bigornas são, de forma mais genérica, quaisquer fragmentos de rocha que tenham sido utilizados como apoio para que outra peça seja sobre ela percutida. Caso seja um artefato rochoso a ser utilizado, o ideal é que a superfície seja levemente convexa, de modo a controlar melhor o ponto de contato (PROUS *et al.*, 2012). Caso sejam vegetais a ser utilizados, talvez uma superfície levemente côncava ou mesmo com uma pequena depressão em meia esfera seja mais adequada, de modo a conter um coquinho ou qualquer outra semente dura a ser percutida.

Virotes

Os virotes são pontas destinadas a serem fixadas em extremidades de flechas ou dardos para que sejam arremessadas à distância e atinjam seus alvos, que seriam aves (para obtê-las atordoadas ou sem sangrarem e sujarem suas penas), as pinhas (para a coleta do pinhão) ou pequenos mamíferos, como macacos (com o objetivo de obtê-los apenas atordoados).

Morfologicamente observamos que são instrumentos alongados, com um alargamento máximo próximo à extremidade distal (a ponta), que pode se desenvolver suavemente a partir da parte proximal ou ter esse alargamento mais ou menos abrupto, já próximo da ponta.

As características específicas dessas peças, que levaram à tomada das medidas em locais que lhes são peculiares, seguem o modelo apresentado em Souza (2008).

Bolas de Boleadeira

Bolas de boleadeira são artefatos de pedra picoteada e frequentemente polida, de forma principalmente esférica, piriforme ou elipsoidal (mas há outras, como multiesférica ou mamilonar). A maior parte das peças apresenta um sulco periférico utilizado na apreensão. Seriam utilizadas amarradas a um encordoamento e lançadas sobre o alvo, podendo ser utilizadas como armas de caça ou de guerra. As referências para as medidas foram retiradas de Gonzáles (1953) e Schmitz *et al.* (1971), tendo sido acrescentada a medida da circunferência do sulco. Tomamos também como referência o sulco como equador, para determinar as extremidades diametralmente opostas, denominadas polos. Finalmente, acrescentamos a medida do comprimento no eixo do sulco, bem como o comprimento medido neste mesmo eixo na parte de dentro do sulco.

Calibradores

Calibradores consistem em suportes que podem ser rochosos ou cerâmicos (nesse caso, fragmentos de potes reaproveitados) e que apresentam sulcos ou canaletas com fundo em forma de “U”. Há uma diversidade bastante grande deles, tanto em tamanho quanto em número e posição de sulcos. No caso da coleção em análise, as peças são todas em rocha, principalmente arenito, e de tamanho limitado. Suas características indicam utilização na regularização de hastes, provavelmente de madeira (SOUZA; LIMA, 2014).

Nessas peças são medidos (além das medidas do suporte) os comprimentos, larguras e profundidades das canaletas. Inicia-se pelas maiores faces, primeiramente aquela com maior número de canaletas e em seguida a face oposta a essa. Então a segunda³ maior face e com maior número de canaletas e assim por diante, por faces opostas. Como frequentemente são plaquetas (retangulares) espessas, pode haver canaletas em pelo menos 6 faces. Como frequentemente os suportes são bastante utilizados, não é incomum encontrar mais de 10 canaletas em uma peça.

“Afiadores”

Afiadores são peças que podem ser semelhantes aos calibradores, mas com fundo da canaleta em “V”. Outras vezes apresentam depressões compridas, rasas (geralmente mais largas) e polidas que podem ter fundo plano. Seriam destinadas a outra finalidade que não a calibração de hastes (SOUZA; LIMA, 2014). Possivelmente eram utilizadas para afiar lâminas de pedra polida (ou mesmo lascadas) e espátulas de diferentes matérias-primas mas, como sua função não pôde ser adequadamente esclarecida (através de trabalho experimental ou de traceologia), preferimos utilizar o termo entre aspas. São medidos comprimento, largura, espessura e peso do suporte.

Bacias de polimento móveis

Bacias de polimento móveis são geralmente blocos ou plaquetas que apresentam uma depressão (concavidade) polida (eventualmente com vestígios de picoteamento) e, frequentemente, estrias de polimento em seu interior. Seriam utilizadas para polir diversos tipos de peças, preferencialmente de tamanho não muito avantajado – uma vez que tais peças frequentemente são pequenas e leves - e que não precisem de um trabalho muito pesado de polimento⁴. Essas bacias podem ter sido utilizadas também para o processamento de vegetais, configurando-se, portanto, como mós. Exceto pelo fato de

³ Caso a face oposta à primeira seja a segunda maior e com o maior número de canaletas, aqui seria a terceira.

⁴ Para trabalhar peças maiores um polidor fixo seria mais adequado, artefato sobre o qual se poderia utilizar muito mais força.

que a concavidade tende a ser mais rasa neste caso, pode ser difícil distinguir uma mó de um polidor móvel sem a realização de análises de microvestígios. Portanto as duas utilizações estão abarcadas como potenciais nesses artefatos. São medidos comprimento largura, espessura e peso do suporte.

Zoólitos

Zoólitos são, talvez, as peças mais icônicas da coleção, cujo apelo estético é inegável. Consistem em peças zoomorfas picoteadas e polidas que apresentam uma concavidade ventral. São muito raros os casos de peças que não apresentam essas características e há uma bibliografia extensa sobre o tema, que perpassa amadores (na melhor acepção do termo), como Guilherme Tiburtius (TIBURTIUS; BIGARELLA, 1960); profissionais por vezes pioneiros no estabelecimento de uma tipologia para essas peças (PROUS, 1974; 1977); e colegas que se debruçaram sobre esse tema em tempos mais recentes (MILHEIRA, 2005; 2014) e que inclusive realizaram um levantamento arqueo-histórico sobre o tema (GARCIA; BANDEIRA, 2018). Muito embora sua função exata não esteja clara, todos os contextos, a qualidade excepcional e a dispersão territorial em que foram encontradas indicam uma importância simbólica e cultural relevante para os povos que, com esmero, produziram essas peças.

CONTEXTO HISTÓRICO DAS ANÁLISES DA COLEÇÃO

A Coleção Von Koseritz teve seu número de peças total avaliado de forma ligeiramente diferente ao longo das abordagens a ela destinadas. O número de peças por categoria funcional variou um pouco mais, fato evidentemente relacionado às interpretações diversas às quais as peças estiveram sujeitas.

Como dito anteriormente, a numeração da coleção vai de 1 a 387, o que indica que ela deveria contar com 387 peças, sendo elas majoritariamente líticas. Ihering (1904) não faz uma contagem específica das peças líticas da coleção, mas menciona 80 machados. Além deles, identifica também 14 peças achatadas em forma de queijo, que ele denomina quebra-nozes (para ele seriam destinadas ao uso como martelos para abrir ossos, conchas e sementes); e classifica separadamente as bolas de boleadeira em 17 “bolas perdidas” e 69 bolas de “charrua”, sendo essas últimas de forma oval, com sulco longitudinal ou transversal. Anota ainda 7 peças a que ele se referia anteriormente como “machados perfurados perclusos”, as quais daí por diante prefere denominar “pedras de funda”. Conta também 10 exemplares de mão de pilão, 1 almofariz simples e 1 “elaborado” - esse último almofariz, de acordo com a descrição que faz dele, corresponderia a um dos zoólitos da coleção, em forma de ave. Menciona ainda 4 possíveis adornos de pedra perfurados e algumas peças (cujo número não aparece no texto) com canaletas que, segundo ele, seriam destinadas ao preparo das flechas.

Levando-se em conta que os artefatos de pedra contabilizados somam 203 e que há um pequeno número de calibradores, podemos supor algo em torno de 210 peças líticas observadas mais de perto por Ihering. No entanto, ele relata que há 3 igaçabas e 10 panelas cerâmicas, além de 10 cachimbos, também cerâmicos. Com isso alcançamos uma marca ao redor de 233 peças. No entanto o texto de Ihering deixa claro que há várias peças líticas com pouca ou nenhuma alteração humana e vários ossos humanos, dentre eles, um crânio.

Já quando da análise realizada por Torrenteguy (1975), são contabilizados 301 artefatos líticos. É um número quase 50% maior do que o observado por Ihering, e muito mais próximo do valor inicial de peças da coleção, sobretudo levando-se em conta que os artefatos componentes do conjunto são majoritariamente líticos. Contudo, Ihering parece ter analisado apenas as peças que lhe pareciam passíveis de interpretação, o que

certamente fez diminuir os números por ele apresentados quanto ao material lítico. Torrenteguy é minucioso e faz a classificação de quase todas as peças da coleção que conseguiu encontrar, com exceção de 28 peças líticas, 3 cerâmicas e 4 de metal. Assim, são 273 artefatos líticos e 20 cerâmicos classificados. O total de peças analisadas (somando-se aquelas líticas às das demais matérias-primas) chega aos 328, demonstrando que a esta época 59 peças haviam sido extraviadas do conjunto.

Finalmente, após os recentes processos de curadoria da coleção, pudemos constatar alguns fatos curiosos. Das 301 peças líticas analisadas por Torrenteguy (1975) apenas 293 foram encontradas. Além disso, dentre essas 293, encontram-se 3 pontas de projétil lascadas, que não são mencionadas por Ihering ou por Torrenteguy. Peças de tamanho considerável e de grande apelo estético não teriam passado despercebidas aos olhos dos dois pesquisadores. Tanto é que o único virote e as 7 lâminas circulares, peças igualmente excepcionais, são mencionados por ambos. Assim, é possível que essas 3 pontas não pertençam de fato à coleção Von Koseritz.

ANÁLISE DAS PEÇAS DA COLEÇÃO VON KOSERITZ

Lâminas polidas

É curioso notar que as lâminas polidas, se consideramos as pré-formas, fragmentos e peças inteiras, alcançam um total de 80 peças. Esse é exatamente o mesmo número de peças observado por Ihering (1904). Já Torrenteguy (1975) anotou 77 lâminas. Contudo, é provável que as peças analisadas por Ihering e estas agora observadas não sejam exatamente as mesmas peças, pois algumas das identificadas nesta última análise tinham diagnóstico mais difícil e não parecem ter sido abordadas da mesma forma. Houve, provavelmente, apenas uma interpretação diferente a respeito de algumas peças.

Das 80 peças, 40 estão inteiras e possibilitaram a análise de seus diversos atributos. Foi possível encaixá-las em grupos e tipos segundo metodologia desenvolvida para análise de lâminas polidas (SOUZA, 2013b). Das 40 peças inteiras, ao menos 7 apresentam características indicativas de serem provenientes de sambaquis (morfologia, tecnologia, robustez, negativos intencionais de lascamento e inclusive precipitação de carbonatos de conchas em alguns casos) (Prancha 1, Fig. 1); 7 são retangulares (Prancha 1, Fig. 2); 7 são trapezoidais (Prancha 1, Fig. 3); 5 são triangulares (Prancha 1, Fig. 4); 2 são elipsoidais (Prancha 1, Fig. 5); 1 cordiforme (Prancha 1, Fig. 6); e 1 retangular lascada (Prancha 1, Fig. 7). Quatro outras teriam funções nitidamente diferentes das demais, já que apresentam morfologias muito específicas. Duas delas seriam possivelmente utilizadas como cunhas e as outras duas, talvez, como cinzéis (Prancha 1, Fig. 8 e 9, respectivamente). Das 6 peças restantes, 5 apresentam adaptações para encabamento, sugerindo integrarem tipos diferentes. Uma dessas, inclusive, lembra muito algumas peças encontradas na Amazônia, com entalhes marcados, gume bastante convexo e talão plano (Prancha 1, Fig. 10). A outra delas é uma peça tosca, preparada sobre plaqueta (possivelmente uma lâmina de uso expedito).

As 40 demais peças, que não estavam inteiras, foram também analisadas naquilo em que a integridade das mesmas tornava possível: 16 delas, por exemplo, apresentavam o gume avariado demais para análise, embora ainda parcialmente presente; em 21 outras havia ausência de porções inteiras, configurando-se como peças quebradas propriamente.

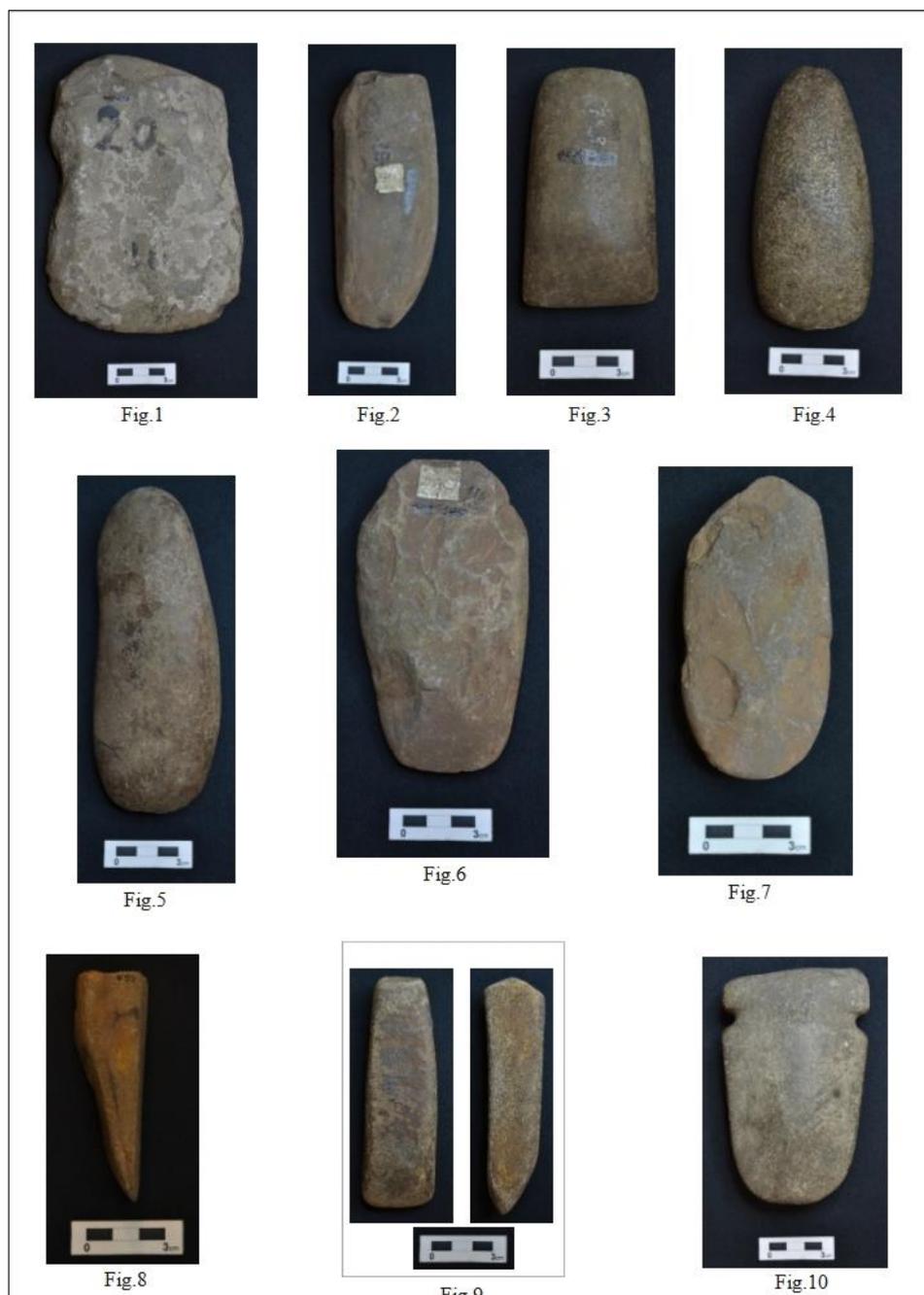
Os comprimentos dessas peças variam de 33 a 251 mm, estando 80% delas entre 33 e 156 mm. Nesse quesito tais peças aproximam-se das que foram encontradas em Minas Gerais, bem como nos sambaquis do Paraná e de Santa Catarina em conjunto. Uma peça de tamanho e tratamento excepcionais merece destaque (Prancha 2, Fig. 1).

Em relação à largura, as peças da coleção variam de 22 a 146 mm, estando 80% delas entre 27 e 75 mm. Nessas medidas, elas aproximam-se das peças observadas no Pará.

Quanto à espessura, há uma variação entre 12 e 56 mm, com 80% entre 14 e 43 mm. Mais uma vez, aproximam-se das peças do Pará.

No que se refere aos pesos, a variação é entre 15,9 e 3068 g, com 80% das peças entre 15,9 e 652,7 g. Nesse quesito, as lâminas da coleção se aproximam das lâminas de Minas Gerais.

Prancha 1 – Lâminas polidas da Coleção Von Koseritz: (1) Lâmina polida com características indicativas de ser proveniente de sambaqui; (2) Lâmina polida retangular; (3) Lâmina polida trapezoidal; (4) Lâmina polida triangular; (5) Lâmina polida elipsoidal; (6) Lâmina polida cordiforme; (7) Lâmina polida retangular lascada; (8) Lâmina polida curta e de talão largo, potencialmente utilizada como cunha; (9) Lâmina polida estreita e robusta, com talão facetado por golpes, potencialmente utilizada como cinzel; (10) Lâmina polida com entalhes. Fotos: Gustavo Neves de Souza (2014). Prancha: Gustavo Neves de Souza (2020).



Os gumes têm seus comprimentos variando entre 18 e 125 mm, com 80% entre 24 e 64 mm, semelhantes aos dos sambaquis do Paraná e de Santa Catarina em conjunto. Os ângulos dos mesmos variam entre 70 e 120 graus, com 80% entre 80 e 110 graus, o que configura, portanto, a maior variação em relação a todas as peças do Brasil, levando-se em consideração os dados de referência (SOUZA, 2013b).

Os talões têm comprimentos variando entre 0 e 96 mm, com 80% entre 0 e 42 mm. Suas larguras variam entre 0 e 42 mm, com 80% entre 0 e 28 mm. Nesses quesitos as lâminas da coleção em análise se aproximam das lâminas de Minas Gerais no comprimento e dos sambaquis na largura.

Fazendo uma análise comparativa geral das características podemos dizer que as peças da coleção apresentam comprimento e largura intermediários e são delgadas, com características muito peculiares, não se aproximando de qualquer realidade de algum dos outros estados previamente analisados (SOUZA, 2013b). Por outro lado, se excluirmos desta análise as peças que seriam provenientes de sambaquis, outro padrão surge. Com exceção dos ângulos de gumes, em que aparecem ainda com variações maiores do que entre as do restante do país, há uma aproximação bastante grande entre as demais medidas das peças do Rio Grande do Sul com as peças de Minas Gerais. A exceção fica por conta dos comprimentos gerais e dos comprimentos dos gumes, em que as peças da coleção em análise se aproximam daquelas presentes em coleções advindas de sambaquis.

Já em termos tecnológicos, as peças da coleção Von Koseritz se assemelham às peças das coleções de São Paulo, indicando uma mistura de característica de peças do Brasil Central (MG) com o polimento em maior parte das peças, mais comum no sul de Minas Gerais e em São Paulo. Isso pode ser mais um indício da ocupação do Rio Grande do Sul por grupos ancestrais dos indígenas atualmente falantes de línguas do tronco Macro-Jê, que teriam vindo do Brasil Central e ocupado as terras que se tornariam territórios dos Jê meridionais (Kaingang e Xokleng). Já as matérias-primas são mais de 90% entre basalto e diabásio (com o restante distribuído entre pórfiro, granito, gabro), o que certamente se reflete nas seções poligonais de várias peças, resultado do uso de colunas de basalto na confecção.

Em suma, observamos mudanças (e adaptações) nos padrões entre uma região e outra (Brasil Central e Sul), mas também similitudes que permitem sugerir algum tipo de relação e potencial continuidade tecnológica. As peças de sambaquis, separadamente, estão entre as mais compridas e largas, aproximando-as um pouco das peças de São Paulo. No entanto, no geral, parecem se encaixar no padrão geral em que se inserem as peças dos sambaquis do Paraná e Santa Catarina.

Lâminas discoidais perfuradas com gume circular

Neste conjunto muito peculiar de lâminas (Prancha 2, Fig. 2), que tratamos em separado, por indicarem um tipo de uso completamente diferente das demais, observamos uma variação menor quanto ao número de peças analisado pelos dois autores que se debruçaram sobre a coleção em questão. Tanto Ihering (1904) quando Torrenteguy (1975) mencionam 7 dessas peças. No entanto, mesmo levando em conta uma das peças que está fragmentada, apenas 6 delas foram encontradas nesta análise.

São peças cujo diâmetro maior tem entre 89 e 130 mm, com 80% entre 106 e 130 mm. O diâmetro menor varia entre 88 e 127 mm, com 80% entre 101 e 127 mm. As espessuras variam entre 34 e 40 mm, com os 80% entre 34 e 39 mm. Os pesos variam entre 311,5 e 617,2 g, com os 80% entre 311,5 e 452,2 g. O tamanho de seus gumes varia entre 168 e 405 mm, com 80% entre 275 e 405 mm. Seus ângulos variam entre 90 e 140 graus, com 80% entre 90 e 100 graus. O diâmetro do orifício central na face em que é menor varia entre 25 e 42 mm, com 80% entre 25 e 31 mm. O diâmetro do orifício central

na face em que é maior varia entre 26 e 44 mm, com 80% entre 26 e 34 mm. A forma do perfil interior do orifício é entre subcilíndrico (com as paredes levemente convexas) ou com ângulo obtuso no centro, com 80% no primeiro tipo. O diâmetro no centro do orifício varia entre de 21 e 27 mm, com 80% entre 21 e 25 mm. Alguns pontos importantes a se notar são o polimento esmerado em todas as peças e a variação muito pequena no diâmetro interno do orifício. Por outro lado, foi possível notar que as peças mais espessas eram exatamente as menores e vice-versa.

Prancha 2 – Lâminas, mó, percutor e bigornas da Coleção Von Koseritz: (1) Lâmina polida de dimensões e tratamento excepcionais; (2) Lâmina polida perfurada discoidal; (3) Mão de mó; (4) Peça discoidal com vestígios de uso como percutor e/ou bigorna; (5) Bigorna, potencialmente utilizada no processamento de vegetais.

Fotos: Gustavo Neves de Souza (2014). Prancha: Gustavo Neves de Souza (2020).



Mãos de pilão

Ihering (1904) cita 10 destes artefatos e Torrenteguy (1975) cita 9. Na nossa análise, encontramos apenas 3 peças que poderiam ser consideradas como mãos de pilão (Ilustração 1). Talvez colunas um pouco roladas tenham sido incluídas nesta categoria anteriormente por ambos. Outra possibilidade de artefatos que tenham nela sido enquadrados são os picoteadores (dois deles foram identificados em nossa análise). Duas das mãos analisadas são pequenas e uma de tamanho médio. Todas são regulares e não apresentam qualquer característica peculiar em relação a artefatos provenientes de outros contextos.

Ilustração 1 – Mão de Pilão da Coleção Von Koseritz. Foto: Gustavo Neves de Souza. Desenho: Denise Dal Pino (2018). Diagramação: Gustavo Neves de Souza (2020).



Mãos de mó

Ihering (1904) não chega a assim denominá-las especificamente e talvez as tivesse incluído entre as mãos de pilão. Torrenteguy (1975), por outro lado, menciona a existência de 8 delas. Nesta análise foram identificadas 4 apenas (Prancha 2, Fig. 3). Pode ser que algumas das 14 peças que Ihering apresenta enquanto “pedras em forma de queijo” tenham sido colocadas nesta categoria por Torrenteguy. Em nossa análise foram identificadas 4 dessas peças discoidais (“em forma de queijo”) com vestígios de uso (como percutor e/ou bigorna) (Prancha 2, Fig. 4). No entanto, outras tantas destas podem ser simplesmente seixos formados a partir de plaquetas espessas ainda não completamente roladas.

Percutores

Nesta categoria encontramos 10 peças, das quais Ihering (1904) não menciona nenhuma e Torrenteguy (1975) menciona 14. A maior parte delas não é excepcional, mas

algumas apresentam formas peculiares, por vezes com mais de um tipo de utilização, como a peça mencionada anteriormente (Prancha 2, Fig. 4).

Bigornas

Dentro desta categoria foram observadas potencialmente 15 peças na coleção, sendo que dessas, ao menos 10 seriam aqueles a que se costuma denominar quebra-coquinhos (Prancha 2, Fig. 5). Estes são frequentemente encontrados nos cerritos (SCHMITZ, 2009), sítios comuns no Rio Grande do Sul, que estariam associados a populações que exploravam os coquinhos de jerivá, que hoje são escassos, tendo sido substituídos pelo butiá nos mesmos locais devido a mudanças no bioma. Foi possível notar que quase todas as depressões apresentavam um alongamento em uma das extremidades e nas bordas das depressões de algumas delas, algumas com estrias em direção ao centro. Essas características podem sugerir uma posição específica de uso.

Virote

Neste ponto todos os autores concordam. Há apenas uma peça deste tipo na coleção (Ilustração 2). Seria um virote do Tipo 2 (SOUZA, 2008), que pode ser encontrando desde o Sudeste até o Sul do Brasil (MOTA; CARSTEN, 2013). O exemplar analisado está quebrado e colado, de forma um tanto grosseira.

Ilustração 2 – Virote da Coleção Von Koseritz. Foto: Gustavo Neves de Souza. Desenho: Denise Dal Pino (2018). Diagramação: Gustavo Neves de Souza (2020).



Bolas de Boleadeira

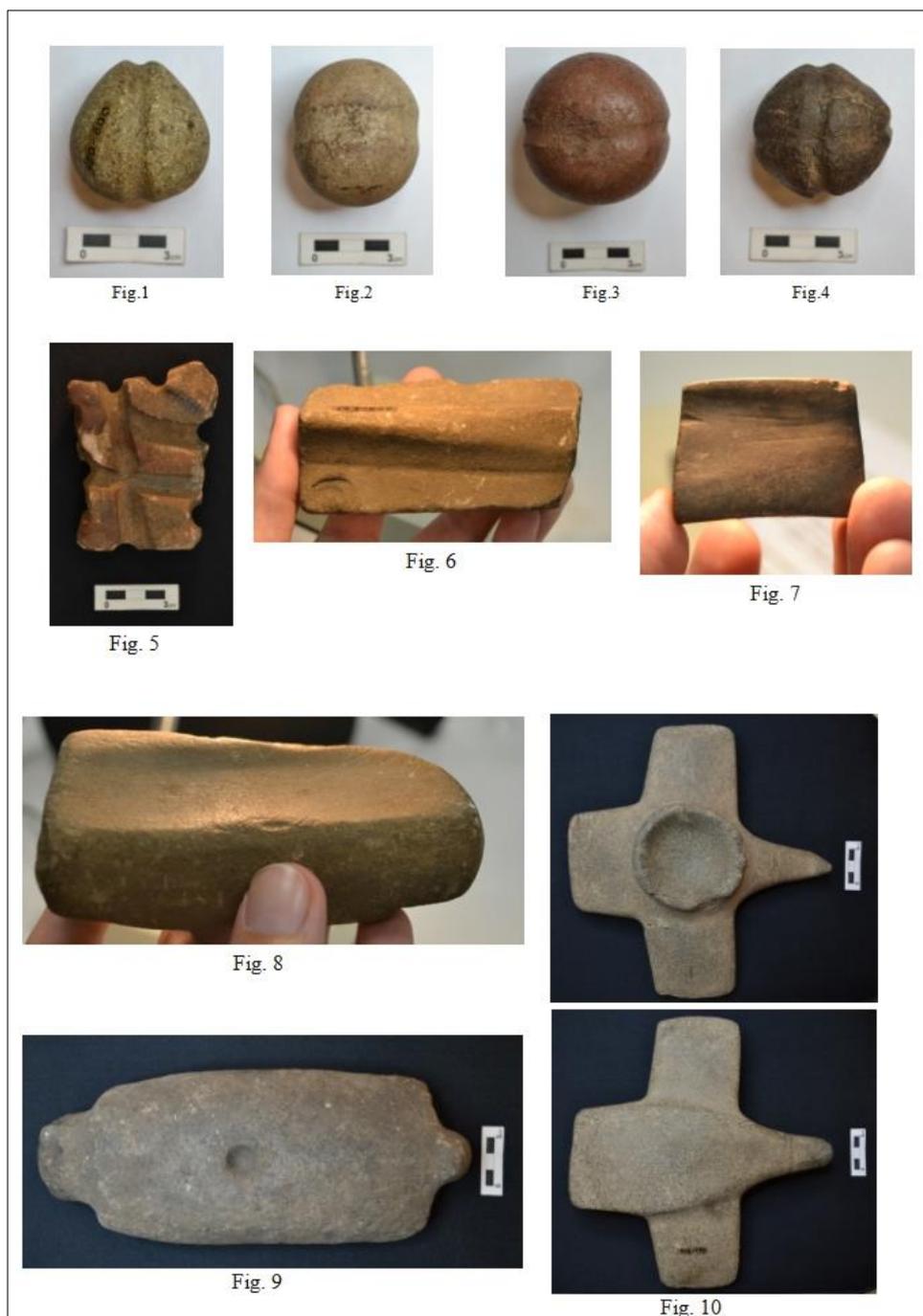
Ihering (1904) menciona 69 “Bolas de Charrua”, que seriam as bolas mais evidentemente antrópicas, possuindo um sulco por onde passaria o encordoamento. Outras 17, a que ele denomina “bolas perdidas”, seriam peças arredondadas sem quaisquer outros vestígios. Difícil (se não impossível) diferenciar essas peças de simples

seixos. Já Torrenteguy (1975) menciona 53 destas bolas. É exatamente o mesmo número de peças que analisamos. No entanto, uma delas, maior e mais finamente polida do que as demais, está quebrada ao meio.

A maior parte das peças são piriformes (Prancha 3, Fig. 1), seguidas de bom número de sub-elipsoidais, que apresentam sulcos geralmente mais rasos (Prancha 3, Fig. 2), algumas esferoidais (Prancha 3, Fig. 3), bem como uma das raras peças com mais de um sulco (Prancha 3, Fig. 4).

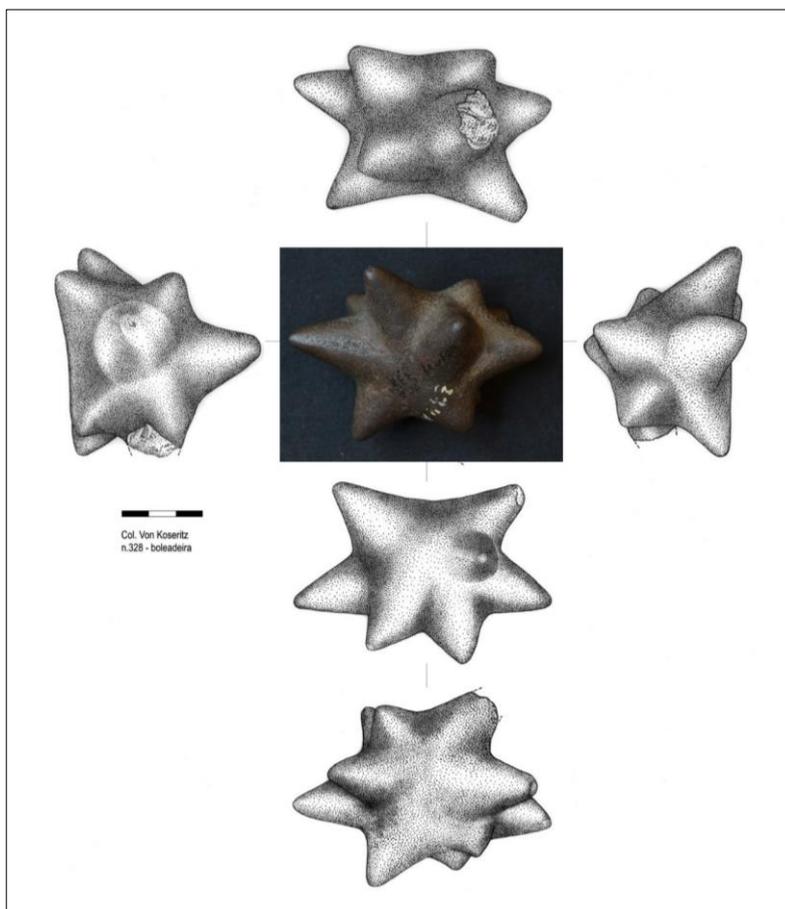
Prancha 3 – Bolas de boleadeira, calibrador, afiador, polidores e zoólitos da Coleção Von Koseritz: (1) Bola de boleadeira piriforme; (2) Bola de boleadeira sub-elipsoidal; (3) Bola de boleadeira esferoidal; (4) Bola de boleadeira com dois sulcos perpendiculares; (5) Calibrador; (6 e 7) "Afiadores"; (8) Bacia de polimento móvel; (9 e 10) Zoólitos.

Fotos: Gustavo Neves de Souza 2014. Prancha: Gustavo Neves de Souza (2020).



Outra peça, que pode ser considerada como uma das “bolas” embora não seja exatamente esferoidal, é uma das chamadas “rompe cabezas” (GONZÁLES, 1953). São peças pesadas e cheias de protuberâncias alongadas mamilonares, categoria que todos os autores concordam em haver apenas uma na coleção em análise (Ilustração 3), sendo também uma das raras peças confeccionadas em hematita.

Ilustração 3 – “Rompe cabezas” da Coleção Von Koseritz.
Foto: Gustavo Neves de Souza (2014). Desenho: Denise Dal Pino (2018).
Diagramação: Gustavo Neves de Souza (2020).



Todas essas peças parecem estar associadas aos grupos que no século XVI estariam ocupando todo o Pampa (desde o noroeste da Argentina, passando por Uruguai e Paraguai, até o Rio Grande do Sul) e ficaram conhecidos como Charruas e Minuanos principalmente, mas é provável que outros grupos menores e menos conhecidos também fizessem uso destes artefatos (VIDAL, 2009). O uso de tais peças teria sido absorvido por diversos outros grupos, como os Guarani, por exemplo, e seu uso provavelmente seria em conjuntos de 2 e, apenas mais tardiamente, de 3. As bolas de boleadeira aqui referidas seriam utilizadas tanto na caça quanto na guerra. Assim, é provável que as peças pontiagudas e mamilonares tenham sido utilizadas nas guerras, com o intuito de infligir maior dano aos inimigos. É possível que nesses casos apenas uma bola fosse utilizada, lançada de forma semelhante à pedra de funda.

É interessante notar que as peças da coleção Von Koseritz são, de forma geral, menores e mais leves do que aquelas analisadas por Schmitz *et al.* (1971), que são provenientes de diversas coleções, da parte leste e sul do estado do Rio Grande do Sul.

Seria interessante saber as proveniências das peças da Coleção Von Koseritz, pois dariam mais sentido a esse contraponto observado estatisticamente.

Calibradores

Ihering (1904) menciona a existência na coleção aqui em análise de algumas peças que, pela descrição que delas fornece, seriam consideradas calibradores. No entanto, não especifica a quantidade. Já Torrenteguy (1975) não faz menção especificamente a esse tipo de artefato, mas na descrição de polidor, em um determinado ponto, abre a possibilidade de considerar peças assim.

Nesta análise foram identificados 5 calibradores, todos com mais de uma canaleta e alguns com várias delas. Dois desses artefatos apresentaram apenas duas canaletas. Dos outros 3, dois apresentam 18 canaletas e o outro 20 canaletas. São peças que apresentam muitos vestígios de uso e demonstram um aproveitamento exaustivo dos suportes (Prancha 3, Fig. 5).

"Afiadores"

Estas peças não são mencionadas enquanto pertencentes a esta categoria por qualquer dos autores. Todavia, Torrenteguy (1975) abre espaço para que elas pudessem ser encaixadas em sua categoria de "polidores". Ainda assim, identificamos apenas duas peças, sendo uma delas possivelmente um afiador de lâminas, comprido e com perfil em "V" (Prancha 3, Fig. 6); e a outra, possivelmente, um afiador de espátulas, curto, com bacia de polimento rasa e sem uma formatação específica (Prancha 3, Fig. 7).

Bacias de polimento móveis

Este tipo de artefato tampouco é mencionado por Ihering ou Torrenteguy como artefatos específicos. Todavia, a definição de "polidor" de Torrenteguy é bastante ampla e serve para designar claramente estes artefatos (entre outros). Por essa razão, o pesquisador anota um número significativo de peças nesta categoria. Ainda assim, o faz em um número muito superior às 3 categorias que constituímos em separado, alcançando 64 peças na contagem por ele realizada. As bacias de polimento móveis podem ter sido utilizadas também para afiar lâminas polidas, tanto quanto efetuar pequenos "reparos" nessas lâminas, ou mesmo para polir artefatos pequenos e/ou de matéria-prima vegetal (Prancha 3, Fig. 8). Curioso é que Torrenteguy apresenta uma dessas bacias como "enxó" em uma das fotos de seu trabalho. Não conseguimos entender a razão, uma vez que um enxó é uma lâmina com um gume característico, que muito pouco lembra uma bacia de polimento.

Zoólitos

Finalmente temos as peças mais excepcionais da coleção. O zoólito em forma de ave é mencionado por Ihering (1904), mas curiosamente não mencionado por Torrenteguy (1975). Talvez a peça se encontrasse em exposição (sem a referência ou seu conhecimento) ou em algum outro local do Museu Paulista, devido à sua peculiaridade.

Outra peça da coleção analisada chama a atenção com uma numeração muito superior à "normal" (RGA-897) e faria parte desta categoria. Seria uma espécie de zoólito "sem cabeça" com uma concavidade pequena (quebra-côco) em uma das faces, ao invés da concavidade maior, encontrada nos zoólitos em geral (Prancha 3, Fig. 9).

Uma terceira, mencionada por Ihering como um "almofariz em forma de ave", é bastante característica (Prancha 3, Fig. 10). Trata-se de um objeto excepcional, cruciforme, com fino polimento, um tanto desgastado pelo intemperismo. Curioso notar

que uma quarta peça, também um zoólito em forma de ave, estava ajuntada à coleção em análise (embora com numeração que sugere não pertencer à mesma), no entanto, faria parte de uma outra coleção, também mencionada por Ihering (1904), que teria sido adquirida dos irmãos Barbedo, e é também procedente do Rio Grande do Sul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente análise possibilitou resgatar várias informações sobre a coleção e suas peças, retomando autores que tiveram contato com elas em períodos distintos e com grande lapso de tempo entre eles. Além de permitir construir um panorama atual da coleção (revelando aquilo que ela realmente contém), este trabalho permitiu restituir a várias peças o seu sentido ou mesmo atribuir sentidos que antes lhes eram desconhecidos.

A Coleção Von Koseritz, à luz da comparação com outras coleções cujo contexto está um pouco melhor estabelecido (provenientes de Minas Gerais, São Paulo, Pará, Paraná e Santa Catarina), mostra-se como bastante representativa de diferentes grupos culturais que habitaram a região Sul do Brasil. As lâminas polidas são alusivas destas possibilidades: algumas puderam ser associadas às sociedades construtoras de concheiros e sambaquis; outras carregam características que as permitem associar aos ancestrais dos atuais falantes de línguas do tronco Macro-Jê, o que foi corroborado por outros dados (ARAUJO, 2007). Pelo menos uma delas tem características muito similares a peças observadas em contexto amazônico, o que poderia tornar mais complexas as características dessa coleção.

O caso das boleadeiras permite associar essas peças não apenas a populações conhecidas arqueologicamente e aos ancestrais de grupos que hoje ocupam o Rio Grande do Sul mas, de fato, a grupos etnohistóricos, como o caso dos Charruas. O esmero com que algumas dessas peças foram produzidas denotam ainda sua importância na vida das pessoas pertencentes a esses grupos.

Com toda essa recuperação de informações, a coleção se abre em novas perspectivas, recuperando a relevância de suas peças e integrando-as de forma mais ampla às discussões sobre o povoamento das diversas regiões do sul do Brasil em tempos pré-coloniais.

Finalmente, é digno de nota o fato de que este trabalho produziu um robusto registro fotográfico, além de listas com os dados das medidas e descrições de todas as peças, que poderão auxiliar os pesquisadores que futuramente possam se interessar em analisar esses artefatos. Todo esse material produzido se encontra sob guarda do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pesquisa nos Acervos da Universidade de São Paulo (Pró-Reitoria de Pesquisa/ USP e Museu de Arqueologia e Etnologia/USP) pelo auxílio financeiro a Gustavo Neves de Souza no segundo semestre de 2013 para o desenvolvimento do projeto “Análise e curadoria científica de artefatos líticos polidos da coleção Von Koseritz”; ao Museu de Arqueologia e Etnologia/USP pelo apoio institucional; à equipe que participou da organização e do gerenciamento da coleção no MAE/USP: Dária Elânia Barros Barreto, José Paulo Jacob, José Augusto Romano Manhani (Estágio Remunerado, MAE/USP, 2012), Mariana Alves Pereira Cristante (Estágio Remunerado, MAE/USP, 2012-2013), Maraiza Adami Pereira (Estágio Remunerado, MAE/USP, 2013-2015) e Déborah Cristina Alencar (bolsista PIBIC/CNPq, 2017/2018). À Denise Dal Pino pelos desenhos das peças. Ao CNPq pela bolsa de produtividade à MCA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Astolfo Gomes de Mello. A Tradição cerâmica Itararé-Taquara: características, área de ocorrência e algumas hipóteses sobre a expansão dos grupos Jê no sudeste do Brasil. *Revista de Arqueologia*, v. 20, p. 09-38, 2007.
- ARAÚJO, Rodrigo Cardoso Soares de. Laços e traços de identidade numa leitura de Karl von Koseritz. *Revista de História da UEG*, v. 1, n. 1, p. 65-85, 2012.
- GARCIA, Jefferson Batista; BANDEIRA, Dione da Rocha. Artefatos zoomorfos sambaquieiros do estado de Santa Catarina: considerações acerca do tema. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 30: 12-41, 2018.
- GONZÁLES, Alberto Rex. La boleadora. Sus áreas de dispersión y tipos. *Revista del Museo de la Universidad Eva Perón (La Plata)*. Nueva Serie, La Plata. Tomo IV, sección Antropología, p. 133-292, 1953.
- IHERING, Herman Von. A Civilização Prehistorica do Brazil Meridional. *Revista do Museu Paulista*, v. 1, 159p, 1895.
- IHERING, Herman Von. Archeologia Comparativa do Brazil. *Revista do Museu Paulista*, v. VI, p. 519-582, 1904.
- LAMING-EMPERAIRE, Annette. Guia para o estudo das indústrias líticas na América do Sul. *Manuais de Arqueologia*. Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas, Curitiba, 2: 1-155. 1967.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. *Esculturas líticas sambaquieiras: algumas possibilidades interpretativas: reflexão a partir de uma coleção lítica do Lepaarq/UFPeL*. Monografia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2005.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. Zoólitos: algumas reflexões sobre as esculturas sambaquieiras. In: Zocche, J.J. et al.(Orgs.). *Arqueofauna e paisagem*. Habilis, Erechim, 187-207. 2014.
- MOTA, Lucio Tadeu; CARSTEN, Aluizio Alfredo. Virotos: espacialização e uso por populações indígenas no Sul do Brasil. *Clio Arqueológica*, v. 28, n. 2, 2013.
- PROUS, André. Catalogue raisonné des sculptures préhistoriques zoomorphes du Brésil et de l'Uruguay. *Dédalo* 20:11-127. 1974.
- PROUS, André. *Les sculptures zoomorphes du Sud brésilien et de l'Uruguay*. Centre National de la Recherche Scientifique, Paris. 1977.
- PROUS, André. SOUZA, Gustavo Neves de; LIMA, Ângelo Pessoa. A importância do lascamento sobre bigorna nas indústrias líticas do Brasil. *Arquivos do Museu de História Natural*, vol. 21 n. 2, 2012.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. O povoamento do Rio Grande do Sul. In: Morales, Walter Fagundes; Moi, Flávia (org). *Cenários Regionais em Arqueologia Brasileira*. São Paulo: Annablume, 2009.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio; BECKER, Ítala Irene Basile; BAUMHARDT, Gastão; BROCHADO, José J. J. Bolas de Boleadeira no Rio Grande do Sul. *O homem Antigo na América*. Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo. 1971.
- SOUZA, Gustavo Neves de. *O Material lítico polido do interior de Minas Gerais e São Paulo: entre a matéria e a cultura*. 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.71.2008.tde-04072008-092418.
- SOUZAa, Gustavo Neves de. *Relatório do projeto: Análise e curadoria científica de artefatos líticos polidos da coleção Von Koseritz*. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2013.

- SOUZAb, Gustavo Neves de. Estudo das lâminas de pedra polidas do Brasil: diversidades regionais e culturais. 2013. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.71.2013.tde-04092013-164621.
- SOUZA, Gustavo Neves de; AFONSO, Marisa Coutinho; BARRETO, Dária El. Fernandes; JACOB, José Paulo. A curadoria da Coleção Von Koseritz no MAE/USP. In: IX Reunião da SAB Sul Arqueologia, Patrimônio e Interdisciplinaridade: Desafios Contemporâneos, 2014, Joinville. *Caderno de Resumos - IX Reunião da SAB Sul*. Joinville: Sociedade de Arqueologia Brasileira - Regional Sul (SAB Sul), 2014.
- SOUZA, Gustavo Neves de; LIMA, Ângelo Pessoa. Experimental Archaeology on Brazilian Polished Artifacts: Making Adornments, Hafting Blades and Cutting Trees. *Technology and Experimentation in Archaeology*. BAR International Series 2657. Archeopress, Oxford, 2014.
- TIBURTIUS, Guilherme; BIGARELLA, Iris Koehler. Objetos zoomorfos do litoral de Santa Catarina e Paraná. *Pesquisas: Antropologia* 7, 1960.
- TIBURTIUS, Guilherme; LEPREVOST, Alsedo. Nota sobre a ocorrência de virotes, nos estados do Paraná e Santa Catarina. *Arquivos de Biologia e Tecnologia*, Curitiba, v. 9, p. 87-98, 1954.
- TORRENTEGUY, Teófilo Otoni Vasconcelos. *Abordagem Analítica de uma Coleção Arqueológica – Um método interpretativo*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais. FFLCH-USP. 1975.
- VIDAL, Viviane Margareth Pouey. *Os Artefatos de Arremesso dos Campos da América Meridional: Um Estudo de Caso das Boleadeiras*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.